



## A complexidade *eficácia* / *eficiência*

Luisa Ruiz Moreno \*

Tradução de Mariana Luz Pessoa de Barros \*\*

**Resumo:** Por mais notória que seja a similitude de conteúdo dos termos *eficácia* e *eficiência*, frequentemente tomados como sinônimos, há, no entanto, uma diferença entre eles, muito embora o uso tenha privilegiado a *eficácia*, englobando em seu interior a ideia de *eficiência*. Semioticamente falando, essa distinção, ainda que mínima, não deixa de ser considerável, sobretudo à luz da noção de *competência* – condição de possibilidade e fonte gerativa da significação. Este estudo propõe problematizar tal diferença para extrair toda a riqueza que ela contém para a teoria da significação.

**Palavras-chave:** *eficácia*, *eficiência*, significação, Greimas, Aristóteles, François Jullien

Edificar sobre a areia<sup>1</sup>. Todo um antiprograma, o anúncio de um fracasso ou da manifestação antecipada de um projeto ineficiente, mas que se apresenta sob uma fórmula eficaz. Talvez a única à qual se chega depois da tentativa de colocar em prática outras fórmulas. O resultado para o qual essa fórmula foi elaborada constitui o método positivo que permitiria manter a esperança de que algo de inesperado – o sobrevir portador da tonicidade, segundo os termos da semiótica tensiva – acabe acontecendo. É com esse enunciado paradoxal que Greimas (2002), como sabemos, encerra *Da imperfeição*, obra enigmática, que alguns têm dificuldade de assumir, mas que é considerada por outros como um breve tratado de estética e de ética semióticas.

Para mim, trata-se de um ensaio de epistemologia semiótica. Por meio dessas linhas, escritas em fim de carreira, o autor dá forma a esse mínimo de epistemologia, anunciado em *Semântica estrutural* (1976 [1966]), uma de suas primeiras obras. Esse mínimo, necessário ao desenvolvimento da teoria semiótica, confere-lhe uma base sólida e torna-se literal em *Da imperfeição*, se for considerada a brevidade do texto, que apresenta uma reflexão altamente concentrada, estabelecendo, de certo modo, o fundamento retrospectivo de toda uma teoria sobre o sentido e sobre a significação.

Edificar sobre a areia, está aí um postulado teórico-metodológico condensado que se apresenta como uma tarefa insensata, ao menos segundo os preceitos próprios à nossa cultura: o homem insensato edificou sua casa sobre a areia (Mateus 7: 26)<sup>2</sup>. Essa teoria, que tem como suporte uma ação de construção que a faz cair continuamente, não seria então ineficaz? Apesar disso, o programa de ação transformadora contido no livro é ao mesmo tempo explícito, coerente, simples e exaustivo. Parece, então, que foi bem colocado, isto é, que se enquadra em meio àquilo que foi feito com uma força potente e, portanto, eficiente. Isso nos faz chegar a uma oposição interna ao campo semântico que reúne dois conceitos que são similares sendo diferentes.

De fato, mesmo que os conteúdos dos termos *eficácia* (poder de ação para obter resultados concretos) e *eficiência* (faculdade de ação potente) conservem uma semelhança notória, a ponto de ser possível considerá-los sinônimos – inclusive porque o uso privilegiou a *eficácia* em detrimento da *eficiência*, incluindo essa última no primeiro conceito –, existe uma diferença entre essas duas palavras. Semioticamente falando, essa diferença, ainda que mínima, ganha importância se assumirmos o ponto de vista da noção de *competência*, condição de possibilidade, fonte gerativa da significação, a partir da qual não seria ilógico considerar a

\* Pesquisadora do Programa de Semiótica e Estudos da Significação da Benemérita Universidade Autónoma de Puebla (SeS/BUAP, México). Endereço para correspondência: ( luisanrm@prodigy.net.mx ).

\*\* Docente do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Foi um dos editores-chefe da revista *Estudos Semióticos* entre 2009 e 2012. Endereço para correspondência: ( maluzpessoa@hotmail.com ).

<sup>1</sup> A. J. Greimas, *Da imperfeição*, p. 90.

<sup>2</sup> *La Bible de Tob*, 2<sup>ème</sup> édition, Le Cerf, Paris, 1982.

*eficiência* como a competência da *eficácia*, mas sem chegar a afirmar que toda *eficiência* resulta em *eficácia*, nem que toda *eficácia* é o resultado da *eficiência* suposta.

Propomos problematizar essa diferença a fim de extrair toda a riqueza que contém em benefício da teoria da significação. O termo *eficácia* está em alta na linguagem de nossas sociedades de consumo, o mundo das empresas e do negócio, e, de forma mais geral, em todas as áreas ligadas às técnicas e aos especialistas de todos os tipos. Como uma espécie de resposta à necessidade da cultura da comunicação contemporânea, François Jullien contribuiu amplamente para (re)significar o sentido de *eficácia* em sua *Conférence sur l'efficacité* (2005) e, mais precisamente, em seu *Traité de l'efficacité*<sup>3</sup> (1996). Nesse último, consagra todo um capítulo às relações entre *eficácia* e *eficiência*, sendo a *eficácia* entendida como a obtenção, de maneira indireta e discreta, de resultados concretos e decisivos, aos quais se chega por meio da tomada de poder que emana das coisas e das situações, e *eficiência* como o fundo imanente das coisas a partir das quais surge a potência transformadora que é preciso fazer emergir e da qual se deve tirar proveito para que ela seja eficaz. Esses dois conceitos são, de certo modo, o fruto da síntese entre a filosofia oriental e a filosofia ocidental que François Jullien propõe fazer ao longo de suas reflexões.

De nossa parte, recorrendo aos recursos fornecidos pelo pensamento herdado de Greimas, reencontramos, na semiótica *standard*, o termo *eficácia* compreendido como “a capacidade de produzir um máximo de resultados com um mínimo de esforço”; definição tomada do uso, que tem como base o *Petit Robert*. Como se pode notar, essa definição abarca o modelo de economia e de simplicidade da língua saussuriana e hjelmsleviana. Essa capacidade é aplicada estritamente à teoria “para dar conta de um grande número de fatos”. Em seguida, numa semiótica menos clássica (ou seja, aquela apresentada no volume 2 do *Dictionnaire*, Greimas e Cortés, 1986), encontramos o conceito de *eficácia*, mas dessa vez no domínio da comunicação, no qual se atribui ao conceito um *status* de “propriedade dos discursos-objetos de cuja análise se deve dar conta”. E é a partir dos elementos da sintaxe narrativa e modal que os próprios semioticistas devem explicar a *eficácia* da relação intersubjetiva, concebida como um campo de interação e de manipulação entre sujeitos. Se retomarmos os termos de *Da imperfeição*, uma reflexão enigmática aparece no capítulo “Uma estética exaurida”: “Fala-se hoje, parece, da ‘eficácia’ e do ‘escândalo’ como últimos avatares do gosto e da desesperada aspiração de o ultrapassar” (Greimas, 2002, p. 79). Em *Semió-*

*tica das paixões* (Greimas; Fontanille, 1993 [1991]), é encontrada uma menção concernente à *eficácia* dos pesquisadores:

A coerência parece-nos essa ‘sombra de valor’ que reflete a aspiração do universo à unidade, mas também a valência que recobre os valores ao longo de todo o percurso epistemológico: esperança do eu inencontrável do sujeito, sustentáculo do pesquisador em busca de *eficácia*. (Greimas; Fontanille, 1993, p. 294)

Isso quer dizer que a semiótica é pensada mais como uma teoria em construção permanente do que como um dispositivo sempre pronto para o uso, porque é o “Eu do sujeito” e o próprio pesquisador que estão em construção graças à coerência teórica. Logo, essa talvez seja a primeira diferença entre os dois termos em questão: enquanto a *eficácia* enfatiza o resultado, a *eficiência* concentra-se no processo.

Até aqui a semiótica da Escola de Paris não disse muito sobre a *eficiência*. Já a *eficácia* aparece, conforme citações anteriores, como uma qualidade da teoria entendida como dispositivo de observação ou ainda como uma qualidade do discurso-objeto observado, sem que nada seja dito sobre os processos que cada uma dessas entidades contém, nem sobre os objetos ou sujeitos envolvidos, a menos que se trate do sujeito-pesquisador, tal como acabamos de ver. Será preciso aguardar a semiótica tensiva para que a *eficiência*, como parte de um fenômeno de significação centrado no sujeito, seja colocada em foco de um ponto de vista conceitual. Esse pequeno cenário é designado pelo sintagma *modos de eficiência*, que compreendem o *pervir* em oposição ao *sobrevir*, tendo como eixo semântico o *advir*. Eles representam a maneira adotada por uma grandeza de encontrar um lugar em que possa se estabelecer e, a partir do qual, possa exercer sua influência afetante.

O *sobrevir* seria uma versão tensiva, revista e corrigida do *inesperado* de Greimas de *Da imperfeição*. Aliás, é isso que Claude Zilberberg salienta no capítulo IV de seu livro *Elementos de semiótica tensiva* (2011). No entanto, no *inesperado* greimasiano, é preciso cultivar a espera, o que significa então trabalhar pelo *pervir* dos acontecimentos, construir talvez o próprio *advir* como uma propensão ou uma disposição ao *sobrevir*. Pode-se, então, perguntar por que a semiótica tensiva abandona a *eficácia* e, ao se referir finalmente à *eficiência*, trata-a apenas como um modo complexo capaz de garantir a presença do que afeta, move, a estrutura do sujeito e produz uma transformação dos valores em jogo, logo, um modo *eficaz* de afetar a estrutura.

A primeira resposta seria que o termo *eficiência* é retomado de Ernst Cassirer (1988), que alude a uma

<sup>3</sup> Podemos também consultar as seguintes obras do mesmo autor: *La propension des choses. Pour une histoire de l'efficacité en Chine*. Paris: Seuil, 1992.

<sup>4</sup> Tradução nossa para o trecho original: « [...] certitude d'une efficience vivante éprouvée par nous ».

realidade efetiva entendida como a “certeza de uma eficiência viva que experimentamos” (Idem, p. 90<sup>4</sup>). É preciso notar que Cassirer não fala em *eficácia*. Além disso, uma segunda resposta nos seria dada pelo próprio conceito de *eficiência* vindo de ainda mais longe, a saber de Aristóteles. Como sabemos, quando se dedica ao problema da causa, Aristóteles (2008) nos desvela o caminho a ser seguido. Assim, quando fala dos quatro tipos de causa, nomeia o primeiro “a causa *eficiente*”, e não *eficaz*. A causa *eficiente* seria, então, a causa motriz, isto é, o princípio a partir do qual se origina o movimento. E são somente a causa *eficiente* e a causa final que entram em jogo na explicação do devir dos seres vivos, sendo que a causa final é a primeira causa no nível dinâmico e no nível do valor. Encontrando-se em perspectiva, a *causa final* é, assim, geradora, em retrospectiva, da *causa eficiente*, que constitui seu desenvolvimento. Isso significa que, para ampliar o escopo da *eficiência*, deve-se convocar a tradição filosófica.

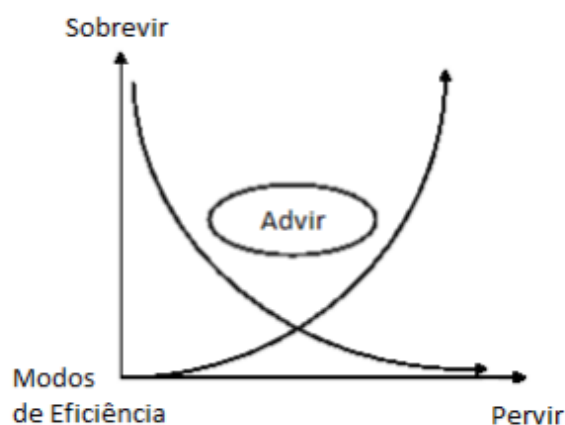
Seria preciso, agora, perguntar o que pode ser encontrado por detrás da *causa eficiente*. Existiria uma causa que a move? Não é sua qualidade mínima constituinte que torna *eficiente* a causa propulsora do devir, ou seja, a própria eficiência? De fato, a *eficiência* provoca a *causa eficiente* e focaliza mais a origem profunda do processo que os resultados em particular, que, mesmo estando ainda em desenvolvimento, constituiriam a *causa eficiente*. Mais que o processo, seriam as condições gerativas do processo que originariam a forma dos objetos e das coisas no devir. Ou seja, a *eficiência* é a causa da *causa eficiente*. A partir disso, pode-se pensar que a noção de *modos de eficiência* não deixa de retomar a raiz aristotélica, decompondo-a em dois conteúdos opostos.

Quanto ao termo *eficiência*, não se deve esquecer que ele aparece quatro vezes no índice das noções

escolhidas como as mais importantes em *Tensão e significação* Zilberberg; Fontanille, 2001), encontra-se nos capítulos da *presença*, *modalidade*, *fidúcia* e *paixão*, sempre no sentido de força propulsora.

A partir dessas fontes e seguindo o caminho traçado pelo conceito complexo da *causa*, entendida como presuposta ou ainda como força gerativa e criadora, a semiótica poderia aproximar a *eficiência* da *competência semiótica*.

Retomando os *modos de existência*, que Zilberberg (2011) define como uma categoria constituída pelo *inesperado* e pelo *pervir*, cujo eixo semântico seria o *advir*, tal como o mencionamos anteriormente, podemos, a nosso ver, considerar essa oposição não como uma oposição categorial, mas como uma oposição gradual feita de correlações, projetando-a no esquema tensivo. Esquema tensivo que, não esqueçamos, foi criado pelo próprio Zilberberg. Assim, no ângulo inferior do esquema, situamos os modos de *eficiência*, “eficiência viva experimentada”, de um acontecimento vivido por um sujeito. É, então, o sujeito que se encontra no ângulo do esquema, pois é ele que tem a experiência do *advir*, não como um valor proveniente de uma categoria semântica, mas antes como um valor cuja relatividade é mais decisiva. E é o sujeito, passional – no modo do sobrevir – ou ativo – no modo de pervir –, que pode manifestar ou dar conta do *advir* enquanto valor. O *sobrevir* encontra-se, portanto, no extremo do eixo da intensidade, e o *pervir* no da extensidade. Na intensidade, o andamento regula a velocidade, ao mesmo tempo que a lentidão e a rapidez; já a tonicidade opõe o que é tônico ao que é átono. A extensidade é o habitáculo da temporalidade e da espacialidade, subdimensões que se correlacionam com as subdimensões precedentes. Desse modo, o valor que constitui essas duas valências é o do *advir*, visto, abaixo (cf. Figura 1), no centro do espaço tensivo.



**Figura 1:** Os modos de eficiência: o sobrevir, o advir e o pervir.

Conforme o esquema acima, depois do golpe do *sobrevir* (o inesperado no sentido puro segundo Zilberberg), a estrutura reencontra seu equilíbrio na direção descendente para se transformar em *pervir*, o que equivale a dizer: dar extensividade de tempo e de espaço ao que sobreveio para amortecer seu impacto, passando, assim, pela atenuação e pela minimização, para finalmente chegar à extenuação. Em outros termos, o golpe do *sobrevir* pode metamorfosear-se num acontecimento previsível da vida cotidiana e doméstica. Também é possível que esse afeto passe ao fundo potencial da memória graças ao *pervir*. Dessa maneira, e, ainda, a partir da temporalidade do *pervir*, aquilo que sobreveio pode adquirir uma presença renovada ao fazer sentir de novo sob outra forma. Graças à virtualização – acionada por uma experiência diferente –, ele pode adquirir seu estado atual para se projetar em direção a uma realização futura.

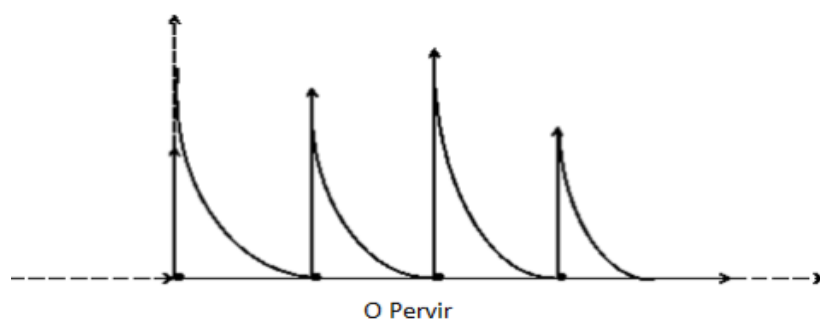
Assim, a partir dos modos de existência semiótica, o que aconteceu *antes* será apresentado como um *depois*: depois desse impacto, *hic* e *nunc*, ocasionado por esse novo afeto que a memória recupera do fundo potencial. A força da *eficiência* experimenta uma outra direção, dessa vez, ascendente (como se pode observar no esquema apresentado acima), e procura ir ao encontro desse primeiro golpe (quer dizer o *sobrevir*), que, ape-

sar de implicado, está agora na perspectiva do sujeito. Não se trata, no entanto, do inesperado greimasiano que também está na perspectiva do sujeito.

De fato, na direção contrária, ou seja, na extensividade, o sujeito pode esperar o *sobrevir*, equivalente (ao menos nesse caso) à espera do inesperado de Greimas. Para compreender esse conceito, é preciso posicionar-se diretamente sobre o *pervir*, representado na dimensão extensiva do diagrama abaixo (cf. Figura 2), e entender que esse *pervir* está em curso de realização e provém de outro acontecimento anterior, como mostra a linha pontilhada à direita e à esquerda do eixo horizontal. Ele provém, portanto, de outra estrutura tensiva semelhante à precedente.

De partida, posicionamo-nos, então, no eixo horizontal do esquema, ou seja, na extensividade, onde a espacialidade e a temporalidade se situam. Greimas (2002, p. 90) diz justamente que, “[...] mediante uma redução do tempo – dele não retendo senão o efêmero –, mediante uma redução do espaço – atribuindo importância somente a seus fragmentos”, seria possível cultivar a espera do inesperado e encontrar, assim, o inesperado quase imperceptível, um *sobrevir* que poderia ser qualificado em *tom menor*.

Analisaremos agora um novo diagrama (cf. Figura 2).



**Figura 2:** Processo de realização do pervir.

Como se pode observar no esquema acima, a significação, segundo a teoria tensiva, não começa no momento do *sobrevir* zilberberguiano por um golpe de sentido, mas é desencadeada no eixo mesmo do *pervir*, no qual as formas de vida, sem grande tonicidade, fomentam as condições para o surgimento do *sobrevir* (o inesperado) a cada vez que são vividas experiências simples e insignificantes que se apresentam como outra coisa. Representamos isso pelos pontos pretos na valência extensiva do esquema (cf. Figura 2). Os *sobrevires* ocorrem sem sobressalto, possibilidade prevista, na estrutura, pela linha pontilhada que se direciona para o alto do eixo vertical, dando prova de

uma “eficiência viva”.

De fato, vê-se, a partir de cada *sobrevir*, um aumento de intensidade, não um aumento extremo e absoluto que arrebatava o sujeito, mas uma aproximação lúcida do essencial, que ocorre sem que se saia da ordem do material e do sensível, como diz Greimas (2002, p. 90). Aliás, os eixos em direção vertical mostram bem isso, pois observa-se que todos têm alturas variáveis na dimensão intensiva, dando origem a uma curva descendente que se desfaz no *pervir*. É precisamente nesse ponto que um *sobrevir* novo surge de “quase nada”. Nota-se que, diferentemente do esquema anterior, não há vetor ascendente e curvo implicando o *sobrevir* – o

que, contudo, poderia acontecer –, mas o eixo vertical de um novo esquema que segue aquele que acaba de ser realizado. Trata-se de uma nova estrutura que toma forma. A linha pontilhada que aparece depois do último esquema mostra que o sentido se dirige para o *porvir*, algo importante porque indica a continuidade da extensidade e permite recuperar a ordem que o senso comum estabelece para os *antes* e os *depois* na temporalidade e, na espacialidade, para os *atrás* e os *na frente*. Os *sobrevires* átonos, os inesperados cultivados pela espera – enquanto são realizados outros pequenos atos do cotidiano – enraizam-se na narrativa profunda da significação. Isso significa que, a partir daí, o sujeito pode ter um olhar metonímico em duplo sentido: ir da parte ao todo ou do todo às partes. Ele pode ter uma visão concomitantemente ampla e complexa do conjunto de seu percurso enquanto valoriza o detalhe do “vivido”, e pode reconstruir de forma parcelada seus programas narrativos. Ao mesmo tempo, ele pode colocar em perspectiva um novo programa de vida, “uma vida assim aplanada” (Greimas, 2002, p. 89), do mesmo modo que a terra é aplanada para acolher as próximas sementeiras, segundo a imagem do jardineiro que Greimas nos apresenta. É com movimentos quase imperceptíveis e uma disposição das coisas apenas “um pouco distintamente” que se desenha um novo programa “anunciando uma nova jornada”.

Dessa maneira, os modos de *eficiência* constroem as formas do *advir* colocando em correlação o *sobrevir* e o *pervir*, seja o *sobrevir* puro, tônico e implicado no segundo movimento pelo *pervir*, seja o *sobrevir* na sua versão de inesperado cultivado, relativo a seus equivalentes em sua sintagmática gerativa de tom menor. De qualquer forma, essas são diferentes forças ou “causas *eficientes*” de acontecimentos humanos, que podem ser individuais ou coletivos. O importante é que os sujeitos que sustentam essa rede de correlações incalculáveis, ou mais exatamente os sujeitos para os quais o sentido de *advir* é sustentado pela significação estruturada nos *modos de eficiência*, possam manifestar-se sob a figura do *eficiente*.

François Jullien afirma que não se diz que alguém é *eficiente*, diz-se que é *eficaz*. Contudo, em espanhol, por exemplo, pode-se dizer perfeitamente que uma pessoa é *eficiente* e *eficaz* (os termos podem ser utilizados em conjunto ou separadamente). Utiliza-se o adjetivo *eficiente* quando se quer dizer que alguém sabe fazer bem o seu trabalho, assim como tudo o que se propõe a realizar (porque está bem preparado, bem equipado para o fazer). Quanto a nós, acrescentaríamos, apenas com base nessas reflexões, que a força da *eficiência* dessa pessoa coloca tudo em relação, com uma tensão e um dinamismo adequados aos modos do *sobrevir* e do *pervir*, ou seja, tendo em vista tudo o que lhe ocorre. Já o adjetivo *eficaz* é empregado para qualifi-

car alguém que trabalha rápido e bem, que consegue ser bem-sucedido em relação ao que é encarregado de fazer ou ao que se propõe a realizar. Assim, a pessoa que é *eficiente* e *eficaz* reúne em seu poder uma energia gerativa, a *eficiência*, e uma ação concretizadora, a *eficácia*.

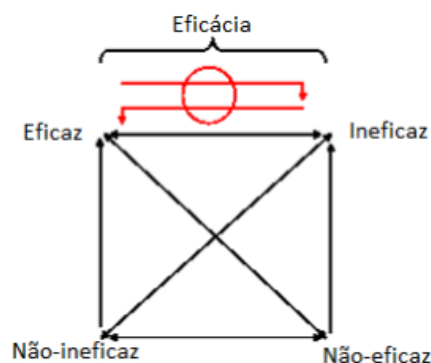
O que acabamos de dizer esclarece a diferença entre os dois termos – e, em seguida, permite reuni-los –, uma vez que pertencem a duas instâncias diferentes. A *eficiência* é, como já dissemos, a força motriz dos *modos de eficiência*, que constituem de fato o seu domínio. Já a *eficácia* evolui nos *modos de existência* por ser uma força de concreção; trata-se de uma qualidade do modo *realizado* ou do processo de *realização* que começa pela aspectualização e o consolida. Além de conceber os modos semióticos em geral como as diversas vicissitudes das formas em fase de consolidação, é necessário precisar que os *modos de existência* são nomeados assim pela semiótica clássica e que esse é o uso que damos a eles aqui. Em semiótica tensiva, adquirem uma nova denominação, os *modos de presença*, aos quais se adiciona uma precisão ao especificar-se que se referem ao objeto. Dessa maneira, para a semiótica tensiva, somente os *modos de eficiência* e os “novos modos de existência” fazem referência ao sujeito. No entanto, de acordo com as reflexões que acabamos de desenvolver, tanto uns quanto outros são igualmente subjetais.

De fato, mesmo que a *eficiência* e a *eficácia* possam pertencer também ao objeto (de valor-desejo) ou ainda ao objeto-coisa, são ambas condições que os discursos manifestam como próprias ao sujeito, mas em instâncias diferentes. A *eficiência*, segundo o que vimos no esquema tensivo, tem como valor em perspectiva o próprio *porvir*, que ela constitui com suas valências. O valor equivalente que o fará valer não será verdadeiramente estrangeiro em relação à influência de sua própria “eficiência viva” que anima os *modos de eficiência*. Já a *eficácia* constitui seu valor por oposições categóricas e tem como valor equivalente uma entidade que não lhe é própria, o resultado, mas que é própria aos *modos de existência*, uma vez que o resultado, enquanto realização plena, finaliza um ciclo ao dar início a outro graças à potencialização. E o que é o resultado no âmbito da realização? Nada mais que a transformação dos estados de coisas, dos sujeitos e objetos incluídos, bem como das relações entre eles.

Consideremos agora a *eficácia* como um universo semântico que pode ser representado num quadrado semiótico, como podemos ver abaixo (cf. Figura 3). Nesse caso, a *eficácia* seria um eixo semântico cujos termos são eficaz e ineficaz, sendo esse último um oposto simplesmente contrário e não um contraditório do eficaz, como seria o não eficaz. Poderíamos assim pensar esse eixo semântico como uma flutuação entre o eficaz e o ineficaz, segundo as acentuações de um

termo e de outro. Tal flutuação encontraria seu equilíbrio mais forte no centro do eixo, onde as correntes contrárias se cruzam, e seu ponto máximo de oposição

nas extremidades, onde cada um dos termos deixa cair sobre o outro sua carga semântica mais forte.



**Figura 3:** A eficácia como um universo semântico

Não esqueçamos que a definição de *eficácia*, segundo a semiótica *standard*, é “a capacidade de produzir um máximo de resultados com um mínimo de esforço”, conforme já mencionamos. Isso significa que o resultado, entendido como o valor que faz valer a *eficácia*, tem um valor de contrapeso inversamente proporcional a seu valor, ou seja, trata-se de “um mínimo de esforço” para produzir “um máximo de resultados”. Isso indica que devemos ler cada um dos termos do quadrado a partir das particularidades que permitiram distribuí-los dessa maneira e explicar a dinâmica estrutural da *eficácia*:

*Esquema 1:* Eficaz = um mínimo de esforço, um máximo de resultados  
Não eficaz = um máximo de esforço, um mínimo de resultados

*Esquema 2:* Ineficaz = esforço grande, resultado pequeno  
Não ineficaz = não (esforço grande, resultado pequeno)

Dessa maneira, o eixo semântico que constitui a *eficácia* é uma complexidade feita de esforço e resultado, que são dosados pelas contradições e implicações que sustentam essa complexidade. Elas os combinam e os acentuam de acordo com cada caso e as várias necessidades, necessidades essas que dependem dos objetos (valor-desejo) em perspectiva, da intencionalidade ou da intenção do sujeito, da concepção de mundo que está em jogo e, finalmente, da direção do sentido para a qual avança a *eficácia* em questão. A visualização do *quadrado* permite-nos perceber mais claramente a importância dos contrários negativos, que, de acordo com a negatividade saussuriana, são suportes essenciais e profundos da significação. Assim, os contrários negativos da *eficácia* constituem o espelho que a reflete e a reclama, espelho no qual ela não está, mas que significa: cria sua forma e faz com que tenha valor. Já os contrários positivos que colocam em relevo a

*eficácia* são as variantes que a constituem – em sincretismo – como uma invariante desse microuniverso. E não é porque a variante acentuada, *eficaz*, é a única que melhor preenche os traços específicos da *eficácia* que sua variante não acentuada, *ineficaz*, deixa de preencher sua função estruturante.

É certo que o *ineficaz*, com seu grande esforço que não é suficiente e seu pequeno resultado que não compensa essa falta, convoca, do interior da própria estrutura, outra coisa, outro sentido de *eficaz* que não é alcançado, embora seja possível imaginar que isso ocorra em outro lugar. Talvez ele se realize em outro microuniverso de sentido semelhante àquele com o qual está em relação e forma um sistema. Isso poderia significar que a *eficácia*, como um todo, não está isolada, mas que, além de configurar-se por meio de suas relações internas, configura-se graças às suas inter-relações e interdependências externas.

Mencionamos ainda o *esforço*, o par inverso do *resultado*. Se entendemos o esforço como o uso energético da força – seja força física, seja força da alma, intelectual, moral ou até mesmo afetiva –, encontramos em presença de dois conteúdos associados. De um lado, o vigor, que envolve ardor e energia vital; do outro, a vontade humana, uma vez que o esforço é uma energia dirigida, como qualquer força. Nota-se, no entanto, que essa força em questão – quando é esforço – seria regida por uma inteligibilidade consciente, capaz de operações de discretização, de seleção e de rejeição, de separação e de mistura.

O conjunto *esforço-resultado*, sempre em conflito, diz respeito a uma sobreposição de modalidades na estrutura da *eficácia*, já que seu regime é lógico-semântico, o que confirma que sua instância é diferente daquela da *eficiência*.

Se continuamos nessa perspectiva pouco eufórica da

*eficácia* e que, por isso mesmo, não é levada em conta pelo senso comum, podemos dizer que, no conteúdo de *ineficaz*, encontraria seu lugar um dos termos da categoria criada por François Jullien para elaborar sua noção de *eficácia*. Refiro-me a esse conjunto de grande generalidade que ele nomeia “Ocidente” (e algumas vezes também “Europa”) e ao qual opõe um outro, igualmente muito geral, que recebe o nome de “China”. Nessa configuração, “o Ocidente” é *ineficaz* (esforço grande, resultado pequeno), enquanto “a China” é *eficaz* (um mínimo de esforço, um máximo de resultados). Jullien erige “o Ocidente” e “a China” como representações de dois universos semânticos a partir dos quais pode construir sua própria inteligibilidade do mundo.

Assim, o que permite que Jullien faça uma comparação entre esses espaços geoculturais que, como ele mesmo diz, são incomparáveis? Em primeiro lugar, sua perspectiva filosófica, sua formação em filosofia ocidental – na qual ele estabelece a instância da enunciação cuja natureza biactancial assinala que seu enunciatário também está ali – e, em seguida, sua imersão na filosofia chinesa. O parâmetro que possibilita a valorização é a atuação no confronto com o outro, isso significa que o eixo semântico no qual os dois conjuntos são colocados em junção é a disjunção. Esse parâmetro detecta continuamente que a estratégia na atuação separa e opõe os universos. Mas, nessa oposição, “o Ocidente” não ocupa o lugar do “não eficaz” (um máximo de esforço, um mínimo de resultados), o que seria aliás ser “antieficaz” ou ainda portador de uma falta do que é *eficaz* absoluta ou quase absoluta, sendo que, nos exemplos desse autor, “o Ocidente” comportou-se muitas vezes como uma “China”.

Além disso, Jullien (1992) afirma que vai à China porque ela é um “alhuere” do pensamento ocidental que lhe permite retornar à Europa para relançar a filosofia. Essa comparação serve de dispositivo teórico que poderia revigorar o pensamento ocidental. O percurso lógico-semântico de escolha intelectual de François Jullien vai do *eficaz* – após abastecer-se nas fontes cognitivas do *ineficaz* –, passa pelas considerações de uma situação totalmente oposta a esse universo, em que um esforço máximo é investido e produz a obtenção de um resultado mínimo, para chegar ao *ineficaz* implícito, enriquecido por todos os conhecimentos recolhidos ao longo dessa trajetória. Assim, graças aos opostos, Jullien explica a noção englobante e complexa de *eficácia*. Nessa complexidade, organizada aqui como uma categoria semiótica, tanto o esforço quanto o resultado são comuns, mesmo que, como já dissemos, em quantidades inversamente proporcionais. É a estratégia que permite distinguir um universo do outro.

Daí podermos compreender a estratégia como a arte de conduzir as operações ou mais simplesmente como

uma capacidade de conduzi-las e de atingir com sucesso o objetivo para o qual elas serviram como recurso. É aí que está a diferença. De fato, “o Ocidente”, do lado do *ineficaz*, dedica esforço demais à arte, a *technè*, e obtém apenas um pouco de resultado com relação à posse do objeto que deseja obter. Mas qual é o objeto valor-desejo: derrotar o outro. Por consequência, o outro é um antissujeito, de forma mais precisa: o inimigo. Na verdade, a figura que nosso autor toma como modelo para elaborar seu tratado da *eficácia* é justamente a da guerra. E, quando fala de estratégia, seu ponto de referência é a habilidade de conduzir operações militares. Não pensa na teoria do jogo, nem nas estratégias utilizadas por outros tipos de práticas.

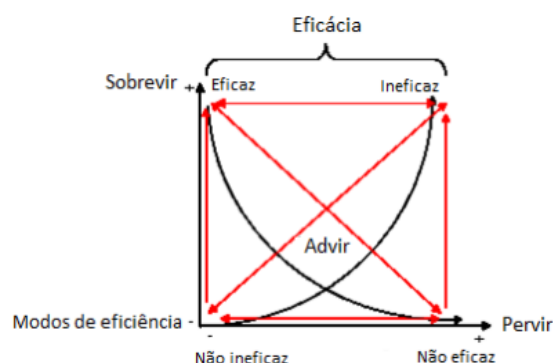
Já o lado da “China”, logo, do *eficaz*, não se detém muito na organização das operações, investe um mínimo de esforço e, sem esperar, dirige-se à posse do objeto. Aproxima-se então do antissujeito, mas sem entrar em seu raio de influência. Em vez disso, procura atraí-lo para seu próprio campo. Observa, interage com o antissujeito se necessário e tira proveito de seus pontos fracos. Procura ver o que as próprias coisas, em condição de possibilidade, podem oferecer-lhe para que possa tirar proveito delas em seu próprio benefício, buscando sempre um elemento facilitador e estando sempre à procura de uma ocasião propícia. No entanto, embora seu percurso seja simples, não é um percurso em linha reta, mas que, ao contrário, toma um caminho oblíquo. Curiosamente, o percurso que vai em linha reta em direção ao objeto é o do “Ocidente”, mas ele o faz de uma maneira complexa. Na verdade, ele sempre elabora programas intermediários, de uso ou anexos, já que, para ter o último objeto, o de base, considera como uma condição indispensável que os objetos dos referidos programas sejam obtidos previamente. Os projetos e as planificações fazem parte desses programas prévios. Entre eles, pode-se citar a teorização sobre o objeto e a passagem ao crivo do antissujeito; a elaboração de instrumentos de medição e cálculo do tempo e do espaço envolvidos na realização, e sobretudo a construção de um modelo de ação para ser aplicado, etc.

Assim, François Jullien nos diz que a estratégia da *eficácia*, ao contrário do que se poderia pensar, não é somente uma simples astúcia. Ela consiste, segundo o autor, numa relação de oponentes e numa operação que se sustenta naquilo que emana do fundo das coisas. Pode-se, então, concluir que a estratégia faz parte da relatividade constitutiva da categoria *eficaz/ineficaz*, construída por essa análise. E, ao tratar da base que sustenta a *eficácia*, Jullien convoca a *eficiência*.

Esta última daria outra dimensão à *eficácia*, mais profunda que aquela fornecida pelo par esforço/resultado, e a distanciaria da ação pontual que tem como suporte esse *modo de existência* tão espeta-

culoso que é a realização. A ação transformadora seria, então, impulsionada pelo sopro inicial do qual emana tudo o que advém. A *eficiência*, tal como concebida por Jullien, não nos remeteria ao esquema tensivo dos *modos de eficiência* configurado mais acima? A resposta é afirmativa, exceto pelo fato de que esse esquema –

que é em si mesmo uma matriz gerativa – cumpre uma função mais ampla e de projeção mais importante, já que serve como estrutura de refúgio. Ele acolhe em si a estrutura da *eficácia* e se converte, portanto, numa matriz gerativa muito potente. O quadrado da *eficácia* (cf. Figura 4) encontra assim sua causa *eficiente*.



**Figura 4:** Estrutura da *eficácia* (matriz gerativa).

Como mostra o esquema precedente (cf. Figura 4), o *advir* encontra-se na zona central da estrutura complexa. É esse o ponto onde se cruzam as direções – descendente, ascendente – do esquema tensivo e também onde se cruzam os esquemas (assim nomeados) do quadrado semiótico, tornando as contradições visíveis. Como um eixo de fundação, o *advir* é um vazio que tudo sustenta e a partir do qual tudo surge.

A zona brilhante do *sobrevir* irradia o *eficaz*, não somente por causa do impacto – que poderia até mesmo tornar inativo o sujeito, embora não o faça por conta do contrapeso do *ineficaz* – mas também pelo fato de a rapidez e a tonicidade suprema serem próprias ao *sobrevir* e imprimirem a ação ao sujeito, ação que deixa apenas um pequeno espaço para o esforço, por ser o elã muito elevado.

Na direção descendente, o *sobrevir* cede pouco a pouco ao *pervir* conforme a temporalidade avança e a espacialidade passa a oferecer um ponto de ancoragem aos acontecimentos. A tonicidade torna-se mais átona e a velocidade mais lenta; um máximo de esforço é necessário, e os resultados são mínimos. Logo, estamos no polo mais oposto ao do *eficaz*: o do *não eficaz*. Mas no ângulo do esquema, onde se observa que a intensidade e a extensidade são negativas, lá onde se encontra o sujeito, o esforço não é tão grande e o resultado, ainda que pequeno, não é tão mínimo. Essa zona da estrutura é aquela que favorece a cultura do *inesperado*, do *sobrevir em tom menor*, igualmente chamado átono, é a zona em que o forema do elã está ainda na fase incoativa, é o sopro inicial que dará lugar ao elã durativo e, depois, à terminatividade do crescimento,

uma vez que a direção geral é ascendente. Como podemos ver, esse ângulo é absolutamente oposto ao *ineficaz*.

Assim, a *eficácia* não apenas obtém uma maior plasticidade em sua dinâmica pelo fato de constituir-se por um segundo plano, os *modos de eficiência*, como se enraíza em um pressuposto de fundo. É essa condição de possibilidade que lhe dá sustentação nos processos graduais da tensividade.

François Jullien associa a *eficiência* à imanência. Para nós, como semioticistas, essa associação não causa nenhum problema enquanto pudermos encontrar, em casos concretos, o par que corresponde a essa imanência, isto é, sua manifestação. Então, para nós, se a *eficiência* pertence ao domínio da imanência, pertenceria a *eficácia* a uma de suas dobras, seria ela uma estratégia, um regime de imanência, um nível gerativo dado pela própria *eficiência* em busca de sua manifestação? Poderia o ato de atualização, que significa sempre para o sujeito uma nova percepção do *advir*, servir como mediador entre cada uma dessas instâncias? Uma coisa é certa, o ato permite passar do potencial e do virtual da *eficiência* à realização da *eficácia*. Os elementos do esforço e do resultado estão distribuídos proporcionalmente segundo sua relatividade, que, por sua vez, está atrelada à relatividade das estruturas em que o brilho e a sombra, o tônico e o átono, têm lugar reservado.

Sem pretender ser exaustiva, ainda que tendo a firme intenção de contribuir com as considerações relativas a essa problemática, gostaria de acrescentar



uma observação de Greimas, uma entre todas aquelas que ele fez sobre a *eficácia*, sem, no entanto, estender-se sobre o assunto: “Compreende-se, então, por que na epistemologia de nossos dias, o conceito de *verdade* é substituído, de forma cada vez mais frequente, pelo de *eficácia*” (Greimas, 2014 [1983]. p. 124). Trata-se evidentemente do corolário de uma análise em curso e que faz referência à manipulação discursiva no contrato de veridicção e não precisamente à complexidade *eficiência/eficácia*. De qualquer maneira, essa observação é oportuna porque, no fundo, o que ele deseja enfatizar é que a *eficácia* não é a verdade, mesmo que seja considerada como tal. O senso comum pretende que se tenda a fazer essa substituição, e a confusão que resulta disso dá à *eficácia* um valor absoluto e axiologicamente superior, sobretudo pelo fato de que ela realiza uma operação de sinédoque entre uma de suas partes, o *eficaz*, e a totalidade da *eficácia*. A focalização desse único aspecto, realizada a partir da exclusão de outros, penetra na estrutura básica e, assim, na *eficiência*, valorizando superlativamente o grau mais alto de intensidade, o *sobrevir*. Uma virada na perspectiva teórica é que poderia, então, trazer-nos uma melhor compreensão desse universo: observar a questão à luz da competência semiótica. ●

## Referências

- Aristóteles  
2008. *La Métaphysique*. Paris: Flammarion (Livre de Poche).
- Cassirer, Ernst  
1988. *La philosophie des formes symboliques* (volume 3). Paris: Minuit.
- Greimas, Algirdas Julien  
1976 [1966]. *Semântica estrutural*. Trad. Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix/EDUSP.
- Greimas, Algirdas Julien  
2002 [1987]. *Da imperfeição*. Trad. Ana Claudia de Oliveira. São Paulo, Hacker Editores.
- Greimas, Algirdas Julien  
2014 [1983]. *Sobre o sentido II. Ensaios semióticos*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Edusp/Nankin Editorial.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph  
2008 [1979]. *Dicionário de Semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et. al. São Paulo: Contexto.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph  
1986. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (Tome 2). Paris: Hachette.
- Greimas, Algirdas Julien; Fontanille, Jacques  
1993 [1991]. *Semiótica das paixões*. Dos estados de coisas aos estados de alma. Trad. Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática.
- Jullien, François  
2003. *La propension des choses*. Paris: Seuil.
- Jullien, François  
2005. *Conférence sur l'efficacité*. Paris: PUF.
- Jullien, François  
1992. *La propension des choses*. Pour une histoire de l'efficacité en Chine. Paris: Seuil.
- Jullien, François  
1996. *Traité de l'efficacité*. Paris: Grasset et Fasquelle.
- Zilberberg, Claude  
2011 [2006]. *Elementos de semiótica tensiva*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Zilberberg, Claude; Fontanille, Jacques  
2001 [1998]. *Tensão e Significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Humanitas.

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

---

Moreno, Luisa Ruiz

La complexité *efficacité* / *efficience*

*Estudos Semióticos*, vol. 14, n. 1 (edição especial) (2018)

ISSN 1980-4016

---

**Résumé:** *Même si les contenus des termes efficacité et efficience conservent une ressemblance notoire à tel point qu'on pourrait les considérer comme des synonymes, y compris parce que l'usage a privilégié l'efficacité sur l'efficience en incluant cette dernière dans le premier concept, il existe entre eux une différence. Sémiotiquement parlant, celle-ci, même minime, revêt un caractère d'importance surtout vu depuis la notion de compétence, condition de possibilité, source générative de la signification. Ce travail propose de problématiser cette différence afin d'en tirer toute la richesse qu'elle renferme pour la mettre au profit de la théorie de la signification.*

**Mots-clés:** *efficacité ; efficience ; signification ; Greimas ; Aristote ; François Jullien*

---

### Como citar este artigo

MORENO, Luisa Ruiz. A complexidade *eficácia* / *eficiência*. *Estudos Semióticos*. [on-line], volume 14, n. 1 (edição especial). Editores convidados: Waldir Beividas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, março de 2018, p. 65-73. Disponível em: ( [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse) ). Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 30/08/2017

Data de sua aprovação: 10/12/2017

---